

## Os afrodescendentes e o futebol pelotense no pós-abolição (1925-1938)

Christian Ferreira Mackedanz<sup>1</sup>

Dra. Lorena Gill

Dr. Luiz Carlos Rigo

**Resumo:** Este trabalho discute como o futebol se relacionou com o quadro excludente que os negros enfrentavam no período pós-abolição em Pelotas, a partir de uma perspectiva social e cultural. Na pesquisa, através da análise de periódicos, fotografias e depoimentos orais, é feito um debate sobre quais as semelhanças e as diferenças entre o contexto nacional de democratização do futebol e a situação do esporte na cidade. É analisado, ainda, o papel que o futebol vai desempenhar neste ambiente já referido, sendo, às vezes, reproduzidor daquele quadro social excludente e, em outros momentos, agindo como um instrumento de organização dos afrodescendentes.

**Palavras-chave:** racismo; futebol; Pelotas; Pós-abolição.

**Abstract:** This paper discusses how football was related to the exclusionary context that blacks confronted in the post-abolition period in Pelotas, from a social and cultural perspective. In the survey, by analyzing periodicals, photographs and oral testimony, it made a debate on what the similarities and differences between the national football democratization context and the sport situation in this city. It analyzed also the role that football will perform in this environment already referred, being sometimes reproducer of that social exclusion context and at other times acting as an organizing instrument for Afro-descendants.

**Keywords:** racism; soccer; Pelotas; Post abolition.

### Introdução

Pelotas é a cidade que possui a maior população de afrodescendentes do interior do Estado do Rio Grande do Sul<sup>2</sup>, principalmente pelo grande contingente de negros escravos vinculados às charqueadas, as quais existiram, sobretudo, no século XIX. Gutierrez (1999) mostra o contraste que existia em Pelotas, neste período, entre os senhores endinheirados, os quais buscavam mostrar, através das obras arquitetônicas, o gosto refinado e a vida dos escravos, obrigados a trabalhar na produção econômica escravista do charque e também nos canteiro de obras da área urbana, nos períodos de entressafra.

O objetivo deste trabalho, no entanto, é pesquisar o pós-abolição. Loner (2010, p. 182), explica a situação dos negros neste período:

---

<sup>1</sup> **Christian Ferreira Mackedanz:** Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), **Dra. Lorena Almeida Gill,** Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e professora do Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), **Luiz Carlos Rigo:** Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professor da Escola Superior de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

<sup>2</sup> São 35.049 pretos e 28.245 pardos, de acordo com o CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em <www.ibge.gov.br>, Acesso em: ago. 2015.

A população afro-descendente de Pelotas foi trazida à região para trabalhar, sob o regime da escravidão. Posteriormente à Abolição eles se radicaram aqui, trabalhando em todo o tipo de serviço [...]. Em 1890, formavam cerca de um terço da população urbana de Pelotas e sua grande concentração na cidade tornou-os um dos principais grupos de trabalhadores do município. Durante a maior parte do século XX, os negros sofreram muito com a segregação e o preconceito racial, que terminaram condicionando suas chances de ascensão social e de busca de emprego na cidade.

Além disso, Dornelles (1998, p. 108-112) comenta que a concorrência com os imigrantes era desleal, com relação à necessidade de seu trabalho, pois estes recebiam, tanto no campo como na cidade, um apoio muito maior das camadas dirigentes e da imprensa. Portanto, é nesse contexto social de tensão, entre os negros que buscavam se integrar à sociedade na sua nova condição (trabalhador livre) e a segregação e o preconceito com que eram recebidos, que este trabalho discute a situação do futebol em um contexto sociocultural.

Em relação aos aportes teóricos, Hofbauer (2006) faz um histórico do racismo na sociedade ocidental, mostrando que era usado no século XVI como um destaque para linhagens de reis e bispos e apenas após a Segunda Guerra Mundial é que começará a ter questionamentos sérios mesmo no meio intelectual. Mas a consideração do autor que mais interessa a esse trabalho é a de que o paternalismo dominava as relações políticas no Brasil e que a presença do racismo nessas terras ocorria atrelada a esta estrutura de poder. A partir deste raciocínio, mas indo além, GUIMARÃES (2005, p. 14) comenta que a ordem sobre a qual se fundou a sociedade escravocrata no Brasil “não foi inteiramente rompida, nem com a Abolição, nem com a República, nem com a restauração democrática do pós-guerra, tampouco com a República Nova”.

É preciso também comentar que a historiografia sobre o pós-abolição vem sofrendo uma transformação e que os novos estudos estão buscando superar a visão dos negros do pós-abolição como sujeitos passivos, mostrando como muitos conseguiram enfrentar o racismo e as dificuldades da inserção no mundo do trabalho assalariado, das mais variadas formas. Ao acentuarmos as formas de resistência dos afrodescendentes do período, não é necessário camuflar a escravidão ou abrandá-la. Há um caminho intermediário, que denuncia a escravidão, mas que mostra como, mesmo assim, muitos negros conseguiram explorar as alternativas disponíveis, buscando resistir de alguma forma.

Do ponto de vista teórico, para entendermos o futebol, enquanto fenômeno social/cultural, é fundamental levarmos em conta as considerações de DaMatta (1994, p. 12-17). Entre várias colocações do autor, a mais importante, para este trabalho, é que, apesar de no contexto capitalista o futebol reforçar valores burgueses, no Brasil do século XIX, marcado pelas hierarquias rígidas, pela escravidão e pelo clientelismo, o futebol mostra sua capacidade

de agir como um formidável código de integração social, de possibilitar ao povo pobre a experiência da vitória, de permitir que os brasileiros vivenciem a possibilidade da igualdade e da justiça, através das regras do esporte e de propiciar a alternância entre vencedores e perdedores, característica da democracia.

Essa pesquisa foi desenvolvida através de uma análise qualitativa de fontes escritas, imagéticas e de algumas fontes orais, usadas estas últimas, apenas de forma indireta. Sobre a análise das imagens, é importante explicitar que, conforme Mauad (1996), a fotografia não é uma mera reprodução da realidade, mas uma elaboração do vivido e, por isso, ela não só informa, como conforma uma visão de mundo. Além disso, foi observado o critério de seleção de não se misturar diferentes tipos de fotografia, sendo todas de jogadores perfilados, formando uma equipe.

Em relação às fontes escritas, Elmir (1995) aconselha que deve ser feita uma leitura metódica e exaustiva do jornal. Espig (1998) alerta para a necessidade de que seja feita uma crítica interna ao conteúdo jornalístico, não a usando como uma fonte precisa. Nesse sentido, Loner (1998), coloca que o jornal *A Opinião Pública*, utilizado nessa pesquisa, no contexto da República Velha, era respeitado, tinha clientela e permitia que qualquer grupo com capital suficiente veiculasse seu projeto, sendo um importante difusor de ideias naquele contexto. Outro jornal utilizado, o *A Alvorada*, foi fundado por trabalhadores, a maioria negros, sendo o principal veículo de informação, defesa e protesto da comunidade negra e da classe operária pelotense (SANTOS, 2010).

### **O Preconceito com o Negro no Futebol Pelotense**

A primeira partida de futebol em Pelotas provavelmente ocorreu em 1901<sup>3</sup> (RIGO, 2004) e o primeiro clube da cidade, o *Athlético Foot-Ball Club*, foi fundado em 1904 (LONER, 1999; RIGO, 2004). Porém, Rigo (2004, p. 69) diz que: “1906 pode ser considerado o ano em que o futebol deu os sinais indicativos de que veio pra ficar. A partir desse ano, cada vez mais, ele se fez presente nos eventos festivos e esportivos da elite pelotense”.

Este interesse da elite pelotense pelo futebol tem explicação geográfica (proximidade com Rio Grande, do clube mais antigo, e com a Argentina e o Uruguai, onde o futebol já era praticado antes do Brasil), mas tem, sobretudo, uma explicação econômica, já que Pelotas praticamente se equiparava a Porto Alegre, em termos de desenvolvimento durante o Império

---

<sup>3</sup> Quem jogou a partida foi o Sport Club Rio Grande, o clube mais antigo do Brasil em atividade ininterrupta. Para mais informações sobre o assunto ver RIGO (2004).

(MAGALHÃES, 1993). Apesar de ao longo da Primeira República a economia da cidade, principalmente as charqueadas e a indústria saladeiril, ter tido uma queda acentuada, essa região continuou tendo uma importância significativa dentro do contexto estadual, seja nas dimensões política, econômica ou cultural, importância esta que vai se perdendo com o decorrer do tempo. Com uma situação econômica favorável durante o período de funcionamento das charqueadas, muitos senhores enviavam seus filhos para estudar na Europa, onde o futebol já era mais praticado e possuía um significado social maior. E ao retornarem, muitos destes trouxeram também informações, material apropriado (lembrando que a bola era um item precioso) e certo “conhecimento prático do futebol” (RIGO, 2004, p. 64).

Juntando esses fatores, é possível entender porque os primeiros anos do futebol em Pelotas foram marcados pelo elitismo, sendo que a elite tomava medidas para tentar garantir que este esporte continuasse restrito. A intenção era a de controlar:

Quem, como e onde se praticava o futebol fazia parte das intenções da elite da época, que estava atenta para fazer de seu tempo de lazer uma experiência singular de classe. A resistência a uma miscigenação maior, tanto social como racial, era uma das fortes preocupações para uma fração significativa da cidade, que fazia questão de viver aristocraticamente (RIGO, 2004, p.82).

Loner (1999) também fala sobre a questão da tensão entre elite e democratização deste esporte em Pelotas. Para a autora (1999, p. 142), o futebol desenvolveu-se junto às classes mais abastadas, mas logo esteve presente em setores operários:

Essa transformação iniciou ainda nos times de várzea e nas disputas amigáveis, pois os principais campeonatos foram, por muito tempo, controlados pela elite. Dizer que o futebol era um esporte mais democrático não significa que ele fosse imune aos processos seletivos vigentes na sociedade. Houve discriminação racial em vários desses clubes, mais evidente nas diretorias, mas evidenciando-se, em alguns casos, também no campo de esportes (LONER, 1999, p. 144).

Assim, em Pelotas “segundo a hierarquia antes apontada, destacam-se inicialmente os times de elite, como o: Brasil, Pelotas, Ideal, União, Rio Branco e outros” (LONER, 1999, p. 144). No caso do E. C. Pelotas, fundado em 1908 da fusão dos clubes C. S. Internacional, C. Esportivo e Foot-Ball Club (RIGO, 2004), é possível observar, através da imagem 1, como de fato o clube começa sendo composto exclusivamente por jogadores brancos.



Imagem 1: Equipe do S. C. Pelotas de 1912 que venceu uma série de jogos amistosos na região e se auto intitulou Campeã Estadual. (Revista *Almanaque de Pelotas*, 1917, p. 89).

Se parece consensual que o E. C. Pelotas surgiu com este viés elitista, o caso do G. S. Brasil, fundado em 1911 (RIGO, 2004), merece maiores cuidados. Como atualmente este clube é considerado popular, muitas vezes, isso produz a falsa impressão de que essa característica o acompanha desde o seu nascimento. Os trabalhos de Loner (1999) e Rigo (2004) apontam que essa característica popular não estava presente já na fundação. Loner (1999, p. 144) diz que:

[...] o G. S. Brasil, nascido de uma dissidência no time de empregados da cervejaria Haertel, depois ficará conhecido como time "de negros", mas no início isso não se configura em suas diretorias, em que apareciam nomes de indivíduos da pequena burguesia, muitos deles filhos de imigrantes.

Apesar desse início não tão popular, Rigo (2004, p. 151) coloca que:

Entre os times que disputavam o campeonato da Liga Pelotense de Foot-Ball<sup>4</sup>, o Grêmio Esportivo Brasil logo se tornou o clube mais popular. Ele é lembrado também como o primeiro clube desta liga que se dispôs a aceitar em seu grupo jogadores negros e mulatos. O depoimento concedido por Seu Clóvis ressalta que, já em 1919, quando o Brasil venceu a primeira edição do Campeonato Estadual, promovido pela federação Rio Grandense de Desportos, fazia parte da equipe campeã o mulato Babá.

<sup>4</sup> Que começa a ser disputada em 1913 (RIGO, 2004, p. 87).

A imagem 2 mostra que o jogador mulato não estava presente apenas em 1919, mas já em 1917 (o Babá é o segundo jogador em pé, da direita para a esquerda).



Imagem 2: Equipe do G. E. Brasil, campeã da cidade em 1917. (Revista *Brasil Gigante*. Edição da ORPAL. (Dir.) Edson, Pires. n. 1. 1971.).

Rigo (2004, p. 152) ainda comenta que “se a presença isolada do mulato Babá na equipe de 1919 pode ser vista apenas como mais uma exceção à regra, o mesmo não se pode dizer das equipes que o clube formou um pouco mais tarde”. Este tema, do momento em que os clubes comentados passaram a aceitar mais atletas negros, voltará a ser debatido mais adiante. A questão importante e que fica explícita é a relutância inicial dos principais clubes pelotenses em aceitar jogadores negros.

É nesse contexto que surge, “como resultado do acúmulo dessas experiências de resistência e de contraposição à perpetuação exclusiva de um futebol branco e de elite” (RIGO, 2004, p. 150) a Liga José do Patrocínio. Loner (1999, p. 144) assinala que:

A Liga José do Patrocínio foi fundada em 10/6/1919, congregando times negros da cidade e mantendo sua existência pelas próximas duas décadas. Faziam parte dela os clubes Juvenil, América do Sul, Universal, Vencedor, União Democrata e Luzitano.

Na imagem 3, é possível ver, se feita uma comparação com as outras duas imagens mostradas, o contraste entre os clubes (brancos) da elite do futebol Pelotense e os clubes (negros) da Liga José do Patrocínio, nas primeiras décadas de prática do futebol em Pelotas.



Imagem 3: Equipe do S. C. Juvenil que disputava a Liga José do Patrocínio, em 1922 (*A Alvorada*, 15/11/1931).

Feita esta discussão sobre o surgimento do futebol em Pelotas e os primeiros conflitos, que acabaram opondo a Liga (Branca) Pelotense de Foot-Ball e a liga (Negra) José do Patrocínio, será abordado o período propriamente delimitado por este estudo, ou seja, entre 1925 e 1938.

Em uma entrevista, Mário Chagas fala a respeito de uma Liga de Negros (embora curiosamente não seja a Liga José do Patrocínio, mas a Liga Afonso Arinos, sobre a qual não foi encontrada nenhuma informação) e sobre o preconceito no futebol:

Houve uma série de coisas que fez com que essas pessoas se juntassem..., foi a maneira das pessoas terem onde se divertir, porque, por exemplo; o futebol tinha uma Liga Afonso Arinos, que era a liga de negros, porque os negros não jogavam com os brancos em Pelotas. Tinha o (delegado?) que até o "Alvorada" cita isso, que era uma perseguição, uma ignorância. E fez com que as pessoas em torno de ter aonde ir. O futebol acho que foi a razão do Fica Aí ter sido feito, porque tinha dois times que era o América e o Juvenil, segundo o senhor Isaqueu, porque isso não é do meu tempo, e havia uma rivalidade. Então eles brigaram lá no jogo e eles vinham tudo para o Chove, fundaram o Fica Aí Pra Ir Dizendo, por isso é que saiu esses nomes, Chove Não Molha, Depois da Chuva.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Entrevista realizada no dia 3/06/2004 com o senhor Mário Chagas, no clube Chove Não Molha. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill, Débora Clasen de Paula, Marcele Victória dos Santos. Acervo do NDH/UFPeL.

Nesse ponto da discussão, cabe uma reflexão em relação às fontes. Os vestígios trazidos nesta pesquisa apontam para a existência de preconceito na elite do futebol pelotense, nas primeiras décadas do século XX, a partir da percepção da não existência de negros nos clubes da elite e da investigação dos caminhos percorridos por eles para continuarem praticando o esporte, como no caso da Liga José do Patrocínio. Nesse ponto, Le Goff (1992, p. 109) lembra que a história deve:

Questionar a documentação histórica sobre as lacunas, interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços brancos da história. Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio, e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos.

É dessa forma que esta pesquisa irá se relacionar com as fontes, procurando perceber na ausência do negro a maior prova do preconceito velado, ao qual este grupo será submetido nas décadas posteriores à abolição.

Voltando ao debate sobre a Liga José do Patrocínio, os clubes da Liga, além das suas funções esportivas, pareciam ter um papel importante na reunião de membros da comunidade negra pelotense, dado os inúmeros convites para bailes que faziam<sup>6</sup>.

Mas foi em um episódio, a princípio alheio ao futebol, que esta Liga mostrou cumprir um papel social que extrapolava o âmbito desportivo. A matéria de jornal abaixo trata de um protesto contra um caso de preconceito que havia ocorrido e que tinha sido negado por outro jornal da cidade.

Preconceito de Casta - Moção de solidariedade das Associações e dos homens de cor desta cidade, ao periódico Porto-Alegrense 'O Exemplo'. Nós abaixo firmados declaramos ao público em geral que estamos em plena solidariedade aos artigos publicados no 'O Exemplo', semanário que se edita em Porto Alegre sobre o caso dos preconceitos de raça, existentes no Teatro 7 de Abril. O Vespertino local 'A Opinião Publica', um dos porta-vozes dessa seleção, entretanto, no dia 12 do corrente, teve o desplante de negar a existência do preconceito de cor, da parte da empresa Xavier & Santos e da própria sociedade pelotense; e tudo vem demonstrando o contrário. Pelotas, 12 de Julho de 1927. Jose Antonio Ferreira da Silva, pela Liga de Foot Ball José do Patrocínio; Alcides [...] <sup>7</sup> Firma Reconhecida (*O Libertador*, 16/07/1927, p. 4).

O interessante dessa fonte não é saber qual foi o episódio que gerou a denúncia, pois por não ter relação com o futebol seria tema para outro estudo. O que é importante é que o representante da Liga José do Patrocínio foi o primeiro a assinar a moção de protesto, o que

---

<sup>6</sup> É possível citar, como exemplo, as matérias do jornal *A Alvorada* de 3 de abril de 1932 (p. 7); de 10 de julho de 1932 (p. 2) e de 14 de agosto de 1932 (p. 8), que convidam para os bailes organizados, respectivamente, pelos clubes Sport Club Juvenil, S. C. Universal e S. C. América do Sul.

<sup>7</sup> Seguem-se várias outras assinaturas.

demonstra que a instituição interferia a favor dos negros, também em outras esferas e não apenas no futebol.

Talvez em parte pelas manifestações de inconformidade das entidades e dos grupos negros pelotenses e também, em boa medida, pelo movimento que estava em marcha por todo o país, o fato é que, com a proximidade dos anos de 1930, os negros foram gradualmente sendo mais aceitos nas principais equipes de futebol de Pelotas.

Um primeiro indício de contato entre as organizações é o fato de que, pelo menos em 1931, partidas da Liga José do Patrocínio eram disputadas nos campos do G. S. Brasil e do E. C. Pelotas<sup>8</sup>. Porém, a motivação para o uso do espaço podia também ser muito mais comercial (estádio maior) do que qualquer outra. Pelo menos a disponibilidade parecia indicar um avanço nas relações interétnicas.

Outro possível evento que pode ter ajudado a melhorar as relações entre brancos e negros no futebol, aproximando-os, foi a realização de jogos anuais entre eles.

Branco e Negro – Domingo próximo, provavelmente, terão os apreciadores de futebol ensejo de assistir a um encontro interessante, que promovido pelo 1º C. A. Bancário, anualmente se repetirá. Trata-se da instituição de jogos anuais entre o selecionado de jogadores de raça branca e o selecionado de cor. Sabemos que, para tais encontros, o C. A. B. instituiu um regulamento especial e um rico troféu para nele serem inscritos os nomes dos componentes do quadro vencedor. Os selecionados jogarão oficialmente sob a designação de Stratch Branco e Stratch Negro. Sabemos igualmente que já foram nomeadas comissões de representantes das duas cores, as quais ficará afeto o trabalho de constituir os respectivos combinados (*A Opinião Pública*, 27 de outubro de 1927, p. 1).

Contudo, é provável que a maioria dos jogadores dos clubes da elite do futebol pelotense não participasse da disputa, o que minimiza (embora não anule) o impacto do jogo numa possível melhora das relações interétnicas. Mas é digno de nota que o C. A. Bancário, não tinha atletas negros nos primeiros anos após a sua fundação, quando disputava a Liga Pelotense de Foot-Ball (RIGO, 2004), o que aumenta a importância da iniciativa. Outro problema foi não se ter encontrado, nas edições seguintes, nenhuma repercussão da partida, o que põe em dúvida até mesmo se o jogo foi realizado. Se tivesse sido encontrada a repercussão da partida, poderia ser avaliado se a iniciativa realmente aproximou brancos e negros, ou se, hipoteticamente, até piorou, graças ao surgimento de uma rivalidade, já que era uma etnia contra a outra.

Após estas considerações, será analisada como foi a repercussão desse momento de inclusão do negro, na década de 1930, nos três clubes que hoje são considerados, talvez por

---

<sup>8</sup> Ver as matérias do *A Alvorada* de 6 de dezembro de 1931 (p. 3) e 27 de dezembro de 1931 (p. 3).

serem os únicos a terem sido campeões estaduais, os principais da cidade: o Farroupilha, o Brasil e o Pelotas.

O Grêmio Atlético Farroupilha, fundado por militares em 1926, com o nome de Grêmio Atlético 9º RI (regimento e Infantaria), formava equipes compostas predominantemente por militares, normalmente trazendo bons jogadores de diferentes cidades da região sul para prestar serviço militar em Pelotas (RIGO, 2010). É possível perceber a presença maciça de militares também na sua diretoria:

Grêmio Atlético 9º RI – Sua Nova Diretoria – Da secretaria do valoroso Grêmio Atlético Farroupilha [...] recebemos o seguinte ofício circular: ‘Temos a honra de comunicar a V. S. que, em sessão de assembleia geral ordinária realizada a 14 do corrente, foi empossada a diretoria que terá de reger os destinos desta agremiação no ano social de 1937-38, sendo a mesma assim constituída: Conselho deliberativo: Presidente, Capitão José Canavarro Pereira; 1º vice-presidente, Capitão Jacy Guimarães; 1º secretário, subtenente Catharino Pires de Araújo; 2º secretário, Sargento Pedro Pereira; 1º tesoureiro, (reeleito) tenente Felix da Cunha Paes; 2º tesoureiro, sargento Oswaldo Pinheiro de Jesus. Conselho fiscal: Capitão Ruy Lemos Barbieri, tenente José de Ávila Souto, tenente Pedro Couto, tenente José Torres’ (*A Opinião Pública*, 26 de janeiro de 1937, p. 5).

Quanto ao preconceito no clube, Rigo (2004, p. 154-155) coloca que:

Seu Plácido<sup>9</sup> apontou que, no Farroupilha, a questão da cor não era motivo de exclusão. Segundo ele, ela sucumbia perante a exigência maior que era o vínculo militar: ‘No Farroupilha jogava de qualquer cor, porque soldado tinha preto, branco, tinha amarelo, tinha de tudo que era cor’.

O fato de não ter ocorrido nenhum atrito neste clube, pode se dever também ao ano de fundação, quando a exclusão já não era tão hegemônica. No caso dos outros dois clubes, os contrastes nas reações de ambos foram grandes. A seguir, são mostradas fotos dos dois times. A diferença de data entre elas é de apenas um ano.

---

<sup>9</sup> Entrevistado pelo autor citado em 1999.



Imagem 4: S. C. Pelotas, Campeão Estadual em 1930 (Revista *Esporte Clube Pelotas* 90 anos: 1908-1998. 1998, p. 10).



Imagem 5: G. S. Brasil, Campeão Pelotense em 1931 (*A Opinião Pública*, 25/12/1931)

Nessas imagens, fica clara a diferença étnica nos plantéis. Enquanto quatro ou cinco jogadores do G. E. Brasil eram negros<sup>10</sup>, no S. C. Pelotas a equipe continuava branca.

Sobre a aceitação de negros no G. E. Brasil, Rigo (2004, p. 152) coloca que:

Ainda nos anos 20, passam a fazer parte da equipe outros jogadores negros<sup>11</sup>, como, por exemplo, Gradim e Ivo, em 1925, e Fruto, em 1929. Esse processo de incorporação de atletas negros, além de ter sido uma estratégia que qualifica significativamente as equipes do Brasil, acabou por fortalecer o veio popular do clube. Ao longo de toda a década de 30, a presença de jogadores negros se fortaleceu, tornou-se uma constante e virou uma espécie de emblema.

O E. C. Pelotas teve uma postura diferente, já que o time:

É lembrado como o clube que representava a elite da cidade e que mais resistência teve ao movimento de miscigenação racial que acontecia no futebol brasileiro e local. Alcides de Moraes<sup>12</sup>, ex-goleiro do Pelotas, se reportou a isso tecendo um paralelo com o ocorrido com a dupla Gre-Nal, na capital do estado. ‘No Pelotas foi só um pouco depois que eles começaram a jogar. Até então, pode ver no pavilhão do Pelotas: só se vê branco. Em 38 já tinha o Dirceu jogando, que era um mulato. Era quase como o Grêmio, que o primeiro a jogar foi Tesourinha’ (RIGO, 2004, p. 153).

O mesmo autor ainda comenta que (2004, p. 154-155) em outros clubes da Liga Pelotense de Foot-ball e até em times de bairros, ocorriam casos de preconceito contra os negros, e que isso mostra que o racismo, longe de se manifestar exclusivamente no futebol, era um problema social da época, como ainda é atualmente.

Apesar de todas essas peculiaridades de Pelotas é importante perceber que o fato da aceitação ter se intensificado na década de 1930, se deve sim, em parte, às pressões locais, como no caso de associações como a Frente Negra Pelotense (FNP) que era “uma entidade aglutinadora na luta contra a discriminação racial” (LONER, 1999, 401), mas está relacionada também, ao contexto nacional, já que a profissionalização do futebol brasileiro, foi oficialmente adotada em 1933. Sobre isso, Loner (1999, p. 412-413) explica que:

Grande parte dos clubes contavam com operários de todas as categorias e ramos de atividade, que participavam seja em fins de semana ou feriados, seja seguindo o rumo da profissionalização, possível a partir de 1933. Até essa data, a participação de operários no futebol era restrita pela artificialidade da exigência do amadorismo, que impedia reivindicações e a profissionalização dos atletas, criando situações constrangedoras para os jogadores, que ficavam à mercê dos clubes.

---

<sup>10</sup> É importante destacar que na foto do G. E. Brasil é possível perceber que há ainda certa “distância” entre negros e brancos. Com exceção de um que está agachado bem à direita, os demais negros estão de pé, agrupados atrás (além de um menino branco). Este aspecto pode demonstrar que, apesar da aproximação, entre os jogadores a cor da pele ainda podia ser um elemento de aproximação/afastamento.

<sup>11</sup> Além do já citado Babá, em 1917 e 1919, mas que era exceção.

<sup>12</sup> Entrevistado pelo autor citado em 1999.

Franco Júnior (2007, p. 75-76) faz uma discussão interessante sobre o fenômeno da profissionalização no futebol, relacionando-o com a Revolução de 30 e com a saída de muitos jogadores para o exterior:

O clima de desavenças futebolísticas interligava-se com a grave crise política brasileira que culminaria logo depois na derrubada do regime. A quebra da Bolsa de Nova York em 1929 enfraquecera a poderosa oligarquia de São Paulo. Após as eleições – vencidas pelo paulista Júlio Prestes –, o assassinato do candidato a vice na chapa de Getúlio Vargas, João Pessoa, quatro dias antes da final da Copa, levou à eclosão de protestos nas principais cidades do país, sobretudo no Rio de Janeiro. Em 31 de outubro, uma multidão saudava os revolucionários que chegavam à capital, como se comemorassem um título nacional. A transição política coincidia com o definhamento do amadorismo. Um grande número de jogadores, atraídos pelo profissionalismo implantado no exterior, deixava o país, como Fausto (1931, Barcelona), Leônidas (1931, Peñarol), Tupi, Vani, Ramon, Teixeira e Petronilho (1931, San Lorenzo de Almagro), Del Debbio e De Maria (1931, Lazio), Ministrinho (1931, Juventus), Raro e Filó (1932, Lazio) – este último se tornaria campeão mundial jogando pela Itália na Copa de 1934 – e Domingos da Guia (1933, Nacional do Uruguai). Em 1931, o governo Vargas incluía o jogador de futebol entre as profissões que deveriam ser regulamentadas pela legislação trabalhista. A exemplo da Argentina (1931) e do Uruguai (1932), em janeiro de 1933 a recém criada Liga Carioca de Futebol (LCF) – Fluminense, América, Vasco, Bangu e Bonsucesso - decidiu oficialmente pelo profissionalismo de seus jogadores.

Rigo (2004) traz importantes colocações sobre este fenômeno. Ele comenta que a instauração do profissionalismo dentro do futebol moderno é um processo que extrapolou as fronteiras territoriais do nosso país e mesmo de nosso continente. Avisa, também, do perigo de tornar o ano de 1933 o marco da profissionalização no Brasil, pois isso poderia relegar a segundo plano outras conquistas ocorridas em outros lugares do Brasil e em momentos anteriores ou mesmo posteriores a 1933. Observa ainda, a existência de uma espécie de profissionalismo velado, tanto em Pelotas como em outras regiões, desde o início do século XX, caracterizada pela compra de alguns jogadores, mesmo que não fosse legalizada, como também, por compensações financeiras aos jogadores e ofertas de emprego. Ele aponta que o profissionalismo não é o único fenômeno que propiciou a democratização do futebol. O futebol de várzea e a proliferação e a diversificação nos tipos de competições igualmente desempenharam um papel central. Denuncia, ainda, a dimensão aristocrática e elitista intrínseca aos discursos que lamentam o fim do amadorismo, dizendo que esse tipo de discurso tende a idealizar um futebol amador que nunca existiu, já que os jogadores sempre demonstraram orgulho em contar com benefícios econômicos conseguidos com o futebol (RIGO, 2004, p. 134-141).

Filho (2003, p. 176) aborda muito bem a questão das diferenças sociais existentes entre os atletas, citando o caso de Fausto que, como já dito, foi para o Barcelona em 1931. Segundo ele:

Amadorismo, amor ao clube, estava bom para um Fortes, que não precisava de dinheiro. Fortes tinha tudo, uma baratinha, uma lancha, até uma garçoniére atrás da Casa de Saúde Pedro Ernesto, todo o primeiro andar do número 75 da Rua Paulo de Frontin. Fausto não tinha nada, morava com a mãe, casa de porta e janela, da Rua Pereira Nunes, chegava a passar necessidade. A mãe cada vez mais magra, não parando de manhã até de noite, varrendo o chão, limpando as panelas, cozinhando. Só contava com ele. Se ele não precisasse, não ia bancar o palhaço. Porque o jogador de futebol, branco, mulato ou preto, comparava-se a um palhaço. O torcedor ia para um campo de futebol, comprava uma geral, uma arquibancada, para quê? Para se divertir. Tal como num circo.

Ainda o mesmo autor, lembrando que a primeira edição de sua obra foi lançada em 1947, sintetiza claramente a questão ao assim dizer: “Há quem ache que o futebol do passado era bom. De quando em quando a gente esbarra com um saudosista. Todos brancos, nenhum preto” (FILHO, 2003, p. 29).

Naquele contexto social da república velha brasileira, em que a concepção escravocrata de sociedade teimava em sobreviver, a profissionalização do futebol contribuiu para o ingresso de um número mais expressivo de jogadores pobres e/ou negros, nas equipes com origem elitista.

## Conclusão

É praticamente consensual, nas atuais produções acadêmicas sobre história/sociologia/geografia do futebol, que a profissionalização do futebol brasileiro, levada a cabo em 1933, após no mínimo duas décadas de profissionalismo marrom,<sup>13</sup> serviu como instrumento de popularização e democratização deste esporte, potencializando a entrada de pobres e negros nos clubes de futebol (que não conseguiam conciliar a prática do esporte com os seus empregos e sua pobreza, naquele contexto amador). Contudo, conforme Fraga (2009, p. 173) corretamente adverte, esse fenômeno não significa o fim das tensões raciais no futebol e demonstra que após a derrota na copa de 1950, o menor sinal de falha de um jogador negro, no caso o “frango” do goleiro Barbosa, era suficiente para trazer à tona novamente as teorias que apontavam que o problema do Brasil era a miscigenação. A imprensa insistia nas afirmações de que os jogadores negros não correspondiam em momentos decisivos.

---

<sup>13</sup> Um amadorismo de fachada, que fornecia “benefícios” aos jogadores, que variavam desde horários de trabalho “flexíveis”, móveis, empregos melhores até gratificações em dinheiro.

Neste trabalho, foi possível perceber que a democratização do futebol (e o consequente aumento gradual de atletas negros), em se tratando de Pelotas, em alguns momentos repercutiu diversas tendências nacionais, como no caso dos anos de 1930 e, em outros, apresentou peculiaridades, como na relação do E. C. Farrroupilha com os militares e do caráter precoce da aceitação de negros no G. E. Brasil.

### **Bibliografia**

AL-ALAM, C. C. *A negra força da princesa: polícia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857)*. Pelotas: Edição do autor; Sebo Icária, 2008.

DA MATTA, R. Antropologia do óbvio. *Revista USP*, São Paulo, nº 22, p. 10-17, jun/jul/ago 1994.

DORNELLES, J. B. Profissões Exercidas Pelos Negros em Pelotas (1905-1910). *História em Revista*, Pelotas, v. 4, 95-138, 1998.

FILHO, M. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FRAGA, G. W. “A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: Nacionalismo, Civilização e Futebol na Copa do Mundo de 1950. Tese (Doutorado em História), UFRGS, Porto Alegre, 2009.

FRANCO JÚNIOR, H. *A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALEANO, E. *Futebol ao sol e à sombra*. 3. Ed. Porto Alegre: L&PM, 2008.

GUTIERREZ, E. J. B. *Barro e sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888)*. Tese de Doutorado em História, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

HOFBAUER, A. *Uma história do branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas: São Paulo, Ed. Da UNICAMP, 1992.

LONER, B. A. *Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937*. 1999. Tese (Doutorado em Sociologia) - UFRGS.

LONER, B. A. Jornais pelotenses diários na República Velha. *Ecos Revista*, Pelotas, v. 2, n.1, p. 5-34, 1998.

LONER, B. A.; GILL, L. A.; MAGALHÃES, M. O. (Orgs.). *Dicionário de História de Pelotas*. Pelotas, Ed. da UFPel, 2010.

MACKEDANZ, C. F. *Esporte e exclusão: o negro no futebol pelotense (1925-1938)*. 2014. Monografia (Graduação em História) – UFPel.

MAGALHÃES, M. O. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: EdUFPel: Livraria Mundial, 1993.

MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história, interfaces. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

RIGO, L.C. *Memórias de um Futebol de Fronteira*. Pelotas: Ed. da UFPel, 2004.

SANTOS, J. A Alvorada. In: LONER, B; GILL, L e MAGALHÃES, M. *Dicionário de História de Pelotas*. Pelotas: Editora da UFPel, 2012, p. 13 e 14.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

**Artículo recibido: 15 de agosto de 2015**

**Aprobado para publicación: 9 de octubre de 2015**

**Artículo publicado: diciembre de 2015.**